

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | FUTURO**  
**15 e 21 de fevereiro de 2024**

**ZUI HAO DE SHI GUANG / 2005**  
**(Três Tempos)**

*Um filme de Hou Hsiao-Hsien*

Realização: Hou Hsiao-Hsien / Argumento: T'ien-Wen Chu e Hou Hsiao-Hsien / Direção de Fotografia: Pin Bing Lee / Montagem: Liao Ching-Song / Interpretação: Shu Qi (May / a cortesã / Jing), Chen Shang (Chen / sr. Chang / Zhen), Fang Mei (a senhora idosa), Shu-chen Liao (madame / mãe de Jing), Mei Di (mãe de May / madame), Shi Shan Chen (Haruko / Ah Mei), Pei-hsuan Lee (hospedeira / Micky), etc.

Produção: 3H Films – Orly Films – Paradis Films - Sinomovie / Cópia em 35mm, colorida, falada em mandarim com legendas em português / Duração: 134 minutos / Estreia em Portugal: King, a 14 de Fevereiro de 2008

\*\*\*

Hou Hsiao-Hsien foi de alguma maneira a “guarda avançada” da descoberta ocidental do cinema de Taiwan. Depois, outros nomes se impuseram, como Edward Yang ou Tsai Ming Liang. Em Portugal, particularmente, foi através de Hou Hsiao Hsien que se começou a chamar a atenção para Taiwan, mesmo que com alguns hiatos consideráveis: foi preciso esperar até 1991 para que se estreasse, com um atraso de seis anos sobre a estreia original, um filme de Hou (**Tong Nien Wang Shi**, conhecido no nosso país com “*Tempo para Viver e Tempo para Morrer*”), e depois foi preciso esperar, quase inacreditavelmente, mais 17 anos, até que em Portugal voltasse ao circuito comercial uma obra do cineasta – precisamente este **Três Tempos**. Depois dele, todos os filmes de Hou chegaram à distribuição portuguesa, mas essa assiduidade coincidiu com um período em que foi a própria obra de Hou a começar a ficar marcada por hiatos razoavelmente longos: entre **Três Tempos** e a data de hoje, o realizador apenas estreou duas longas-metragens (**Le Voyage du Ballon Rouge** e **A Assassina**), num ritmo muito diferente do que foi a produtividade de Hou durante as décadas de 1980 e 1990.

Três Tempos designa, logo no título, o tema e a estrutura do filme de Hou. É um filme composto em três episódios, interpretados pelos mesmos actores (o par central, formado sempre pelos espantosos Shu Qi e Chen Shang, mas também alguns secundários) mas em personagens diferentes e, sobretudo, em épocas diferentes: os anos 1960, no primeiro episódio, o princípio do século XX (anos 1910) no segundo, a época contemporânea (anos 2000) no terceiro – sendo que este último segmento, vale a pena registar, ainda corresponde ao último momento em que Hou filmou a Taiwan contemporânea (do dois filmes que realizou entretanto o primeiro passa-se em Paris e o segundo recua vários séculos). Obviamente, se os “três tempos” designam a divisão interna do filme, designam também três momentos, ao longo de praticamente um

século, da história de Taiwan – que em 1911 estava ocupada pelo Japão e em 1966, ano do início da Revolução Cultural na China Popular, vivia, não muitos anos depois do fim da Guerra Civil, uma época de razoáveis prosperidade e felicidade.

Estes ecos históricos estão, naturalmente, no filme, dados de forma subtil, sem didactismo nem enquadramentos tornados demasiado explícitos. E tudo tem tendência a subjugar-se ao melodrama. **Três Tempos**, antes de mais nada, lembra que Hou foi (é) um dos grandes cineastas contemporâneos do melodrama, no seu pleno sentido etimológico. E o primeiro episódio, que faz um uso fabuloso da carga melancólica e evocativa da sua banda musical, entre o *Smoke Gets in Your Eyes* do início e o *Tears in the Rain* do final, é mesmo um dos grandes momentos melodramáticos do cinema do século XXI – podia não haver mais nada, mais filme a seguir, e esse primeiro episódio, que é “Um Tempo para o Amor”, resistiria como uma miniatura de um poder tremendo. As pinceladas de época lembram vagamente o **In the Mood for Love** de Wong Kar-Wai, mas o que é realmente extraordinário é o modo como o episódio se concentra no sentimento puro, na paixão, na separação, e retira de cada um desses momentos a máxima força, quase em contradição com a época feliz que, dizem os livros, Taiwan vivia por esses anos – e aquele final, com a música, a chuva, os planos das mãos, a iminência da separação dos amantes, é de comover o mais empedernido.

Tanto assim que o segundo episódio (“Um Tempo para a Liberdade”), recuando muito mais na escala cronológica até a um bordel dos anos 1910, sofre um pouco e tudo parece um pouco mais frio, mais distante, mais artificial, mesmo, quiçá injustamente, mais “cinema” (o processo de emulação do cinema mudo, com os diálogos dados por intertítulos, tem esse duplo efeito: cria “distância”, mas também se revela como “artifício”). Contrastes que, como numa síntese bem feita, se resolvem no terceiro segmento (“Um Tempo para a Juventude”), que começa logo com aquele belíssimo travelling de motorizadas por ruas e artérias de Taipei, e se dá uma pequena explosão de realidade, que já não é da reconstituição dos anos 60 nem a do bordel de 1910. Muito mais áspero, muito mais descritivo, visualmente muito mais violento (também porque muito menos “aparado”), tem talvez a proposição política mais complexa, porque dada sem recuo, e porque resulta muito mais ambígua (mas também muito mais, digamos, esperançosa, mesmo que *a contrario*) a ideia de oferecer o tempo da época contemporânea ao tempo da juventude.

Luís Miguel Oliveira